

MIGRAÇÃO E IMPLICAÇÕES PSICOLÓGICAS

Vivências reais para o indivíduo e o grupo

Sylvia Dantas DeBiaggi *

Nesse artigo buscamos expor algumas contribuições dos estudos interculturais em psicologia acerca do fenômeno migratório, de forma breve e sucinta, e conceitos com os quais trabalhamos em nossa prática de intervenção psicossocial no Projeto de Orientação Intercultural, desenvolvido na Universidade de São Paulo. Através desse projeto oferecemos orientação e atendimento psicoterápico breve para imigrantes, brasileiros descendentes de imigrantes, brasileiros retornados e brasileiros que vão para fora do país.

Os deslocamentos humanos fazem parte da história da humanidade. A busca por outras terras e outros horizontes sempre esteve presente em nossa espécie. Mas o que se busca, o que motiva essa mudança e quais são suas conseqüências para o indivíduo e o grupo? Em geral temos uma constelação de aspectos envolvidos na migração, incluindo condições macro e micro econômicas, assim como políticas, sociais, culturais, históricas e psicológicas. Dessa forma, não é à toa que estudiosos da migração possam explicar os fluxos migratórios e as razões pelas quais uns saem e outros não, a partir de diversos pontos de vista. Devemos contudo lembrar que estamos falando de um fenômeno complexo, um

fato social completo e de natureza interdisciplinar (Sayad, 1998).

Na migração temos o encontro entre pessoas de diferentes culturas, sejam de culturas regionais ou nacionais. Uma situação concreta que tem implicações psicológicas concretas que nos remete ao campo psicossocial em que para entender o que se passa com o indivíduo e seu grupo psicologicamente falando, precisamos entender o contexto.

Na Psicologia Intercultural a relação entre a psicologia e a cultura torna-se foco de investigação (Paiva, 1979). Apesar de diversas áreas e temáticas da psicologia abordarem essa relação, tratam-na, muitas vezes, tangencialmente. A Psicologia Intercultural investiga categorias tanto da psicologia geral como social, tais como: identidade, percepção, cognição, personalidade, comportamento social, gênero, relação interpessoal, preconceito, havendo uma ênfase nos processos individuais, considerando que o comportamento humano desenvolve-se e se expressa em contextos culturais. Berry (2001) aponta a *aculturação*, conceito originário da antropologia, e as *relações intergrupais*, fenômeno estudado originariamente na sociologia e, posteriormente, foco central da psicologia social, como duas vastas áreas de contribuição estudadas na

Psicologia Intercultural. Ambas abarcam as dimensões profundas e complexas envolvidas nos encontros e desencontros culturais e contribuem para a elaboração de políticas relevantes para as relações grupais em sociedades culturalmente plurais.

Portanto, na perspectiva intercultural é imperativo basearmos os estudos em seus contextos culturais. Necessitamos compreender etnograficamente as culturas em contato, para entendermos o indivíduo. Atualmente, como sugere Cuhe (1999), as pesquisas sobre o processo de aculturação renovaram profundamente a concepção que os pesquisadores tinham de cultura, partindo-se agora da aculturação para a compreensão da cultura. Toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução que em tempos de rápidos deslocamentos e constante contato intercultural torna-se extremamente dinâmico. Como nos lembra aquele autor, cultura não é um dado, uma herança que se transmite imutável de geração para geração, e sim uma produção histórica, isto é, uma construção que se inscreve na história e mais precisamente na história das relações dos grupos sociais entre si. Na análise de um sistema cultural, faz-se necessário analisar a situação sócio-histórica que o produz pois as culturas

nascem de relações sociais que são sempre relações desiguais.

Apresentamos, primeiramente, o conceito de aculturação psicológica e, em seguida, o de estresse de aculturação. Posteriormente, abordamos os estágios pelos quais as famílias passam na migração seguido de algumas considerações finais.

ACULTURAÇÃO PSICOLÓGICA

Em uma população plural, dois conceitos nos são fundamentais, aculturação psicológica e estresse de aculturação. A aculturação psicológica consiste em um processo que os indivíduos passam decorrente de uma mudança de contexto cultural. No caso da migração, isto envolve uma seqüência de processos muitas vezes únicos ao fenômeno migratório pois indivíduos são socializados em uma cultura e vão depois morar em uma outra. Nesses encontros e desencontros culturais, ocorre um complexo processo de negociação relativo a: quem se é, ou seja, a própria identidade, os próprios valores, a identidade grupal, envolvendo questões étnico-raciais, vivência do preconceito, educação dos filhos, relações familiares, questões intergeracionais e de gênero, enfim, uma gama de questões relativas à própria existência (DeBiaggi e Paiva, 2004).

A aculturação psicológica denota uma sucessão de estados em um processo de ressocialização decorrente de mudança de contexto cultural. Distingue-se, portanto, do choque cultural, próprio do estranhamento em relação a modos de vida, de ser, pensar e agir distintos mas algo momentâneo. Berry (2004) nos apresenta um modelo de estratégias de aculturação bastante explicativo e que tem se mostrado muito pertinente em nossa prática.

Em nível psicológico, dois aspectos são fundamentais: até que ponto se

deseja, é valorizado manter contato com o grupo majoritário fora do próprio grupo cultural e até que ponto se deseja, é valorizado manter a identidade cultural e características culturais. Estas questões geram quatro variedades de aculturação. Chamamos de *assimilação* a estratégia em que o indivíduo abre mão de sua cultura de origem e adota a cultura majoritária, “Mudamos para cá, esse é agora nosso país, vamos falar a língua deles somente”, dizia um imigrante a seus filhos, denotando uma atitude típica da estratégia de assimilação. Assimilação, portanto, não equivale à aculturação como tradicionalmente se usava o termo, pois é apenas um tipo dessa. Em contraste, uma estratégia de *separação* se dá quando se evita o contato com a sociedade majoritária e há um apego à cultura original. Márcia, por exemplo, trabalhava em uma loja de produtos brasileiros, morava no bairro dos brasileiros e convivia com o grupo da igreja também de brasileiros. Ela não sentia necessidade e nem tinha interesse em aprender a língua estrangeira e aspectos da outra cultura. A *integração* representa uma estratégia em que um grau de manutenção da cultura de origem ocorre simultaneamente à interação com outros grupos. Após um longo processo de reflexão quanto a sua pessoa em diferentes momentos de sua vida, Cássio percebeu que não era nem só de uma nem só de outra cultura, ele pertencia às duas culturas, concluiu que ser nipo-brasileiro significa justamente realizar a negociação dessa identidade híbrida, equacionar ao seu modo uma nova forma que não é nem uma nem outra, mas uma combinação. Sentia-se bem tanto em sua comunidade como com seus amigos não descendentes, exercitava diferentes aspectos seus em cada um desses espaços. Já a *marginalização* se dá quando há pouco interesse ou possibilidade de manutenção da própria cultura e pouco interesse em manter contato com outros

grupos. No caso de marginalização o indivíduo fica como que suspenso, geralmente num estado de conflito pessoal e social entre as duas culturas.

A aculturação não é necessariamente uniforme nas dimensões do comportamento e vida social, por exemplo, um indivíduo pode buscar assimilação econômica (no trabalho), integração linguística (bilingüismo) e separação no que concerne à parceria conjugal (endogamia). Além disso, podem-se empregar diferentes estratégias ao longo do tempo e ao falarmos em estratégias de aculturação, compreendemos o indivíduo enquanto ator social, em que não é desprovido de uma certa margem de manobra embora o contexto seja crucial nessa elaboração.

Essa questão pode ser abordada do ponto de vista do grupo minoritário ou majoritário. Apesar de ser um processo de influência mútua, na sociedade majoritária, vemos as atitudes dessa em relação a migrantes e suas políticas de inclusão ou exclusão dos mesmos, refletindo ideologias multiculturais ou assimilacionistas, questões que influem na forma como a aculturação psicológica pode se dar, e no de estresse de aculturação, como veremos a seguir.

ESTRESSE DE ACULTURAÇÃO

Estresse de aculturação refere-se a um tipo de estresse em que os fatores estressantes são identificados como tendo sua origem no processo de aculturação, podendo reduzir o estado de saúde do indivíduo tanto físico como mental (Berry et al., 1992). Os estudos mostram que problemas de saúde mental geralmente emergem durante a aculturação, contudo estes problemas não são inevitáveis e parecem depender de uma série de características do grupo, contextuais e individuais envolvidas no processo de aculturação. As conseqüências da aculturação

variam em função de um conjunto complexo de fatores situacionais e pessoais. Há uma gama de variáveis que medeiam a relação entre aculturação e estresse. Inicialmente, como apontado acima, o *modo de aculturação*, integração, assimilação, separação, marginalização, está relacionado a um maior ou menor nível de estresse, assim como a *fase de aculturação* em que a pessoa se encontra, se é o contato, conflito, crise, ou possível adaptação. Há evidências de que o modo de aculturação é um fator importante, os que se sentem marginalizados experienciam maior estresse, os que mantêm separação apresentam estresse, os que adotam a assimilação demonstram níveis intermediários de estresse e os que buscam integração apresentam menor grau de estresse.

Crucial será também a *natureza da sociedade majoritária*, podendo ser desde uma sociedade multicultural, em que as diversidades são respeitadas e valorizadas, até uma sociedade assimilacionista, em que se impõe a cultura majoritária como única forma possível. Em uma sociedade preconceituosa e discriminatória, o preconceito pode girar em torno do fenótipo, da aparência, da cor da pele, ou em relação ao gênero (por exemplo, preconceito para com mulheres), de geração (preconceito com relação ao idoso), ou a nacionalidades consideradas inferiores. A receptividade ou não por parte da cultura majoritária influi fortemente no grau de estresse do indivíduo em aculturação. A tolerância à diversidade está relacionada aos padrões de atitudes raciais-étnicas da sociedade majoritária. Alguns grupos em aculturação podem ser mais aceitos e colocados no patamar mais alto na hierarquia de prestígio e outros ocuparem os níveis mais baixos no sistema de preconceitos da sociedade. Um brasileiro do Nordeste quando se muda para a região Sudeste do Brasil

enfrenta muitas vezes preconceito simplesmente por ser daquela região ou ter características fenotípicas que são identificadas com aquela região e consideradas inferiores segundo a escala de valores culturais que refletem padrões culturais elitistas da sociedade nacional e local. O mesmo fenômeno ocorre muitas vezes quando um brasileiro, independentemente de sua classe social ou grau de instrução, muda para o exterior e sofre preconceito por ser um sul-americano ou ter uma tez mais escura. Da mesma forma, um latino-americano de país vizinho ao Brasil sofre aqui discriminação por ser originário de país considerado menos desenvolvido do que o Brasil. Outro fator são as *políticas existentes* com relação aos grupos em aculturação da sociedade (acesso à saúde, moradia, direitos políticos) que podem excluí-los gerando altos níveis de estresse de aculturação.

O apoio social de *redes sociais* constitui um aspecto muito importante para o bem-estar da pessoa em aculturação, sendo parte das características do grupo de aculturação que também medeiam a relação entre estresse e aculturação. As redes sociais funcionam como provedoras de companhia social, apoio emocional, fornecem guia cognitivo e conselhos, favorecem a resolução de conflitos, fornecem ajuda material e de serviços e acesso a novos contatos conforme explica Sluski (1997). *Idade e status social* são também componentes que influem no ajuste cultural do grupo. Estudos realizados por meio de comparações sistemáticas levando-se em conta a idade do imigrante, concluíram que a idade de 12 anos é decisiva para determinar altos níveis de estresse entre imigrantes, ou seja, pessoas que imigram antes dos doze anos estão menos suscetíveis às tensões decorrentes dessa experiência (DeBiaggi, 2002). Neste sentido, imigrantes podem ser descritos como

imigrantes tardios quando a mudança ocorre depois dos doze anos ou imigrantes precoces se imigraram antes dos doze. Os estudos mostram que imigrantes tardios assim como indivíduos da segunda geração experienciam os mais altos graus de estresse quando comparados aos imigrantes precoces e de indivíduos da terceira geração. A segunda geração fica presa entre duas culturas, a de seus pais e a da nova sociedade. Em termos de classe social, a imigração frequentemente significa uma mobilidade descendente, ou seja, há um rebaixamento em relação ao status social anterior. Enquanto que uma mobilidade socioeconômica pode reassegurar e reforçar sentimentos de nova situação sob controle, as dificuldades aumentam quando há um rebaixamento do status social com subemprego ou desemprego dificultando assim a adaptação à nova sociedade.

Com relação às *características do indivíduo* em aculturação: sua avaliação e formas de enfrentamento, o sentimento de controle cognitivo que um indivíduo tem sobre o processo de aculturação também tem um papel; aqueles que percebem as mudanças como oportunidades com as quais podem lidar podem ter um melhor grau de saúde mental do que aqueles que se sentem tomados, inundados por esta experiência: atitudes, contato, estarão influenciando em seu processo de mudança cultural. Em nosso trabalho, expandimos esse aspecto no sentido de considerar a psicodinâmica daquele que migra. Dessa forma não deixamos de observar os aspectos latentes do inconsciente daquele que nos procura, seu mundo interno de relações objetais, suas fantasias e seus mecanismos de defesa relativos às ansiedades despertadas diante do novo e desconhecido, ansiedades diante das perdas decorrentes do deslocamento, e ansiedades confusionais diante da

inabilidade de distinguir entre o velho e o novo, as motivações manifestas e latentes da mudança (Grinberg & Grinberg, 1989). Assim, os recursos internos da pessoa abrangem tanto aspectos cognitivos, suas crenças, construções, atitudes, como aspectos emocionais, afetivos e constituem igualmente importante fator nesse conjunto de elementos que influem no processo de aculturação.

Devemos lembrar, contudo, que as migrações estão sempre relacionadas à formação e transformação de redes sociais, conforme exposto acima, sendo as relações familiares um importante componente.

MIGRAÇÃO, FAMÍLIA E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

Sluski (1997), ao focar nos efeitos da quebra e reconstrução da rede social do migrante, defende que os problemas interpessoais, psicossomáticos e somáticos decorrentes da perda do apoio social são uma consequência natural da mudança, em um mundo cada vez mais móvel. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que a mudança aumenta a necessidade de apoio social, ela representa uma ruptura dos vínculos sociais prévios. Esse desequilíbrio natural gera mais estresse para os membros familiares e para a dinâmica familiar pois cada um espera do outro o que antes era satisfeito por meio de outras conexões. Em um estudo anterior baseado em sua experiência clínica e de workshops, Sluski (1979), descreveu cinco estágios pelos quais as famílias passam durante o processo de migração:

1) O estágio preparatório. O tempo dessa fase varia de acordo com o estilo da família, que pode ser desde um grupo que tome uma decisão tempestiva até uma decisão após uma longa e lenta ruminação. As motivações podem ter conotações positivas ou negativas, mas

mesmo em caso positivo como busca de melhores condições de vida, está implícito algo negativo, uma fuga de uma situação desfavorável. Os motivos para migração sublinham a forma futura de enfrentamento da família. Uma das conseqüências comuns nas famílias é fazer de um dos membros bode expiatório. Se a mudança teve uma conotação positiva é como se não houvesse motivo para o luto dos elos perdidos, das separações sofridas e o membro familiar que fica encarregado de cuidar da saudade tem chance de se tornar, portanto, um bode expiatório. Em outras palavras, sentir a separação, elaborar o luto das perdas ocorridas é natural a esse processo de deslocamento, para todos os membros familiares. Mas em geral, e comumente é atribuída à mulher essa ligação, um membro familiar toma o lugar de quem sente essa perda e de alguma forma a exterioriza, através de contatos telefônicos, expressão da tristeza, etc., e fica caracterizada como se fosse ela excessivamente sentimental ou de difícil adaptação ao novo ambiente. O oposto também pode ocorrer, para famílias que não se desvinculam do passado, melancólicas, podem considerar o membro familiar que quebra com essa atmosfera como um traidor.

2) O ato da migração. Há diferentes estilos de migração. Algumas famílias queimam pontes e a migração é algo definitivo, outros acreditam que viverão uma situação temporária, mesmo quando o retorno é pouco provável.

3) Supercompensação. Os imigrantes em geral não têm muita consciência da natureza estressante da migração, e após a mudança o foco das famílias está na sobrevivência. Pode ocorrer uma desorganização familiar, mas em geral há um período de moratória, que pode se sustentar na crença do retorno para o país de origem após um certo tempo. Lembro-me de quando entrevistei 50 famílias

brasileiras residindo em Boston. Em uma das famílias as crianças estavam claramente passando por um período difícil, denunciado através de sua obesidade. Os pais pareciam não ter condições internas de lidar com as questões familiares e próprias e justificavam o retorno como solução para todos os problemas. Essa família estava há oito anos esperando o dia da volta para a qual já haviam encaixotado eletrodomésticos, aparelhos eletrônicos, e diversos outros aparatos. As caixas cobriam as paredes do imóvel e já ocupavam um dos quartos do apartamento. Devido a isso, o quarto restante era dividido ao meio por uma parede de caixas, de um lado ficavam as camas das filhas e do outro a cama do casal. Esse caso ilustra como se pode postergar questões emocionais críticas relativas a mudança ou acirradas por esta.

4) Crise ou descompensação. Após o período de moratória, o sistema de valores da família pode se mostrar ineficiente no novo país. Pode-se lançar mão de uma divisão de papéis como forma de lidar com essa situação, em geral o homem fica a cargo do tempo presente-futuro enquanto outro membro, em geral a mulher, como mencionamos acima, mantém as conexões com o país de origem. Contudo, tal rigidez em geral suscita uma crise na relação. Um conflito comum, é quando a mulher adquire um novo papel ao começar a trabalhar, desafiando assim uma estrutura patriarcal de organização familiar. Em famílias de origem asiática, em que a devoção filial faz parte do sistema de valores familiares, quando mudam para um país ocidental em que as relações entre as gerações são mais informais e não apresentam uma hierarquia vertical tão nítida, conflitos entre migrantes e pais idosos em geral deflagram uma crise na família (Kim K, Kim S. & Hurh, 1991).

5) Impacto transgeracio-

nal. O que foi evitado na primeira geração será expresso pela segunda, criando conflitos entre gerações. Todavia, conforme mencionamos acima, a aculturação transcende o processo do migrante e constitui um processo dinâmico transgeracional (Sluski, 1979; Suarez-Orozco & Suarez-Orozco, 1995).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como aponta Margolis (1994), a migração transnacional traz benefícios substanciais para o mundo industrializado, uma vez que o fluxo de trabalhadores, geralmente com bom nível educacional e dispostos a preencher funções que estão vagas por serem pouco procuradas pelos nativos, representa uma solução para o que poderia constituir um problema. Com a emigração os países em desenvolvimento mitigam a pressão econômica e política. Devido à dura realidade do mercado de trabalho e à falta de perspectiva de mobilidade social em países como o Brasil, muitos deixam o país e mandam remessas de dinheiro que ajudam a subsidiar um nível de vida de classe média aos que ficaram. Atualmente, bancos brasileiros e internacionais têm dedicado sua atenção à questão das remessas, uma vez que as mesmas constituem rendimentos e aplicações de volumes significativos. As discussões no setor financeiro focalizam as remessas e os ganhos para o setor e não, como é de praxe, as causas do fenômeno migratório e suas conseqüências concretas para as pessoas reais que figuram atrás das estatísticas financeiras.

Nesse artigo buscamos expor algumas das conseqüências psicológicas da migração. Conforme exposto, toda migração constitui um período de crise, uma situação natural de estresse que pode ser maior ou menor dependendo de uma série de fatores, sejam eles externos ou internos.

Acreditamos que conhecer as decorrências desse processo tanto para o indivíduo como para seu grupo e para a sociedade se faz cada vez mais necessário uma vez que como nos lembra Hall (2003), as nações modernas são todas, "híbridos culturais". Nesse sentido, políticas voltadas para a promoção da diversidade cultural tornam-se cada dia mais um imperativo. A compreensão de fenômeno tão complexo e rico quanto a migração, requer o cruzamento de diversas disciplinas e mesmo dentro de uma, como na psicologia, a fim de realizarmos um trabalho intercultural de fato, precisamos estar abertos a diferentes abordagens e compreensão do ser humano. Em nosso trabalho, conforme descrito acima, utilizamo-nos de conceitos próprios da Psicologia Intercultural, como aculturação psicológica e estresse de aculturação, assim como de conceitos e técnicas terapêuticas da abordagem psicanalítica e sistêmica.

Com nosso projeto na Universidade de São Paulo esperamos poder ancorar a ampliação de uma área largamente consolidada no exterior, mas que no Brasil retoma sua importância a partir do fluxo migratório de brasileiros para o exterior. Como em todo o trabalho intercultural, o atendimento psicológico supõe o questionamento de nossos valores, princípios e técnicas terapêuticas também culturalmente engendrados. Esse projeto tem-nos permitido refletir sobre nossa sociedade e ampliar a formação de profissionais na psicologia para tornarem-se sensíveis à necessidade de reconhecermos a pluralidade de nossa sociedade, dos diversos grupos culturais que a compõem e do reconhecimento da riqueza que essa diversidade representa.

* *Sylvia Dantas DeBiaggi é Psicóloga social, Psicoterapeuta Intercultural e Psicanalista. Profª. Doutora Pro-Doc no Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da USP onde coordena o projeto de Orientação Intercultural.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERRY, J., POORTINGA, Y., SEGAL, M. & DASEN, P.
(1992) *Cross-cultural Psychology: Research and Applications*, Cambridge: Cambridge University Press.
- BERRY, J.
(2001) A Psychology of Immigration. *Journal of Social Issues*, 57(3), 615-631.
- BERRY, J.
(2004) "Migração, Aculturação e Adaptação". In: DEBIAGGI, S. & PAIVA, G. J. *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo.
- CUCHE, Denys
(1999) *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Ed. Edusc.
- DEBIAGGI, S. D.
(2002) *Changing gender roles: Brazilian immigrant families in the U.S.*, N.Y.: LFB scholarly Publishing LLC.
- DEBIAGGI, S. & PAIVA, G.J.
(2004) *Psicologia, E/Imigração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- GRINBERG, L. & GRINBERG, R.
(1989) *Psychoanalytic perspectives on migration and exile*. New Haven: Yale University Press.
- HALL, Stuart
(2003) *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Ed. DP&A.
- KIM, K., KIM, S. & HURH, W.
(1991) Filial piety and intergenerational relationship in Korean immigrant families. *International Journal of Aging and Human Development*, 33(3), 233-245.
- MARGOLIS, M.
(1994) *Little Brazil*. Princeton: Princeton University Press.
- PAIVA, G. J.
(1979) *Introdução à Psicologia Intercultural*. São Paulo: Pioneira Editora.
- SAYAD, Abdelmalek
(1998) *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP.
- SLUSKI, C.
(1979) "Migration and Family Conflict". *Family Process*. 18, (4), p. 379-390.
- SLUSKI, C.
(1997) *A Rede Social da Prática Sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- SUÁREZ-OROZCO, C. & SUÁREZ-OROZCO, M.
(1995) *Transformations: Migration, family life, and achievement motivation among Latino adolescents*. Stanford: Stanford university Press.